

UMA OFICINA EXPERIMENTAÇÃO A PARTIR DAS POLÍTICAS DA ESCRITA, DE JACQUES RANCIÈRE

Carolina Gonçalves Souza¹
Eliane Aparecida Bacocina²

Escrever é o ato que, aparentemente, não pode ser realizado sem significar, ao mesmo tempo, aquilo que realiza: uma relação da mão que traça linhas ou signos com o corpo que ela prolonga; desse corpo com a alma que o anima e com os outros corpos com os quais ela forma uma comunidade; dessa comunidade com a sua própria alma.
(RANCIÉRE, 1995, p. 7).

Corpo de quem escreve...

O que diz?

Ato de escrever...

Para onde leva? Que aspectos envolve?

Em que política se inscreve a mão e o corpo de quem escreve?

O presente trabalho apresenta momentos de produção de uma oficina-experimentação constituída com e focando dispositivos da linguagem, realizados em encontros do grupo de pesquisa Laboratório ESCRIARTE – Escritos autobiográficos, Experiência e Formação, da UNESP – câmpus de Rio Claro / SP. O grupo tem por desafio constituir-se como um espaço de experimentação da linguagem, esta considerada como espaço de invenção, pondo em pauta discussões metodológicas de pesquisa que focam linguagem, experiência e formação, numa perspectiva de subjetivação. Integram o grupo pesquisadores e estudantes e da pós-graduação em educação e graduação.

Os participantes têm formação inicial em diferentes áreas do conhecimento. O que os diferencia, também os une, como uma espécie de bordado no qual os fios que se encontram traçam belos motivos – experimentação de pesquisa, experimentação de vida -, na interação com os demais, buscando não apenas repensar seus processos de pesquisa, mas também seus modos de vida, modos de experienciar vivências, atitudes e por quê não dizer modos de experienciar arte?

Os encontros são quinzenais e acontecem em locais diversificados. Durante o ano de 2015 seus integrantes se organizaram num curso de extensão a ser desenvolvido por seu coletivo e demais estudantes interessados na temática da escrita, com o título “A aventura da escrita: a linguagem (quase) ao infinito”, a partir de alguns autores propostos, que já faziam parte das discussões do grupo, acrescido de outros. As atividades foram realizadas em duplas que organizaram modos outros de desenvolver o tema, a partir de oficinas, experimentações, atividades-acontecimentos.

A dupla de autoras que aqui se apresenta se viu diante de diversos desafios: como propor uma atividade de experimentação com um grupo de colegas de estudo? Que leitura eleger?

Após diálogos e reflexões, foram desenvolvidos, então, a partir da leitura do livro Políticas da Escrita, de Jacques Rancière (1995), dois encontros, cuja proposta foi a de que os participantes pudessem (re)pensar e aprofundar seus processos de pesquisa em andamento a

¹ Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo, Brasil. E-mail: pedagogacarol@yahoo.com.br.

² Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo, Brasil. E-mail: elianeab3@gmail.com.

partir das seguintes ideias, referenciadas por este autor: Escrita (conceito político); Constituição estética; Democracia (regime da escrita); Doença da escrita; Textura das coisas; Escrita (muda e falante); Polifonia; Jogo entre os poderes do escrito e a ordem ou a desordem social; Comunidade do sensível; Literatura (confronto).

Os encontros foram agendados em combinado com o grupo em dias distantes, para que houvesse um tempo de reflexão entre um encontro e outro. A primeira data ocorreu num feriado, 7 de setembro de 2015, na residência de dois colegas do grupo.

Foi montada uma pequena pauta e encaminhada por e-mail para o grupo, contendo alguns elementos do que seria desenvolvido. Quanto à oficina propriamente dita, inicialmente, algumas imagens consideradas pela dupla de pesquisadoras com as temáticas “escrita” e “leitura” foram projetadas em uma parede como um disparador de pensamentos. Imagens conhecidas por divulgação em redes sociais, obras de arte, fotografias diversas fizeram parte deste apanhado imagético.

Das imagens escolhidas: Frida que se pinta. Um leitor em seu ofício em uma fábrica de charutos. Alice caindo no túnel. Um grito. Palavra-comida. Entalhes em madeira. Hieróglifos. Uma biblioteca. Morar nos livros. O abraço da página escrita. A leitura de uma mãe, talvez. A leitura das amigas, talvez. Leitura-diversão em uma bacia. Outra biblioteca. A força. O livro ao ar livre. A criança leitora. A usurpadora de livros. A escritora. O menino maluquinho. O espanto. A pintura. Dalí por si mesmo. A leitora e as bordadeiras. A escola. A lição. A regra. A matemática. A analfabeta. Gentileza. Patativa. A leitura em trânsito. Uma reunião. Pinóquio. Da projeção das imagens: poesia que se brinca na parede, ao afetar os participantes. Este foi o ponto de pauta intitulado “Bom dia”.

O segundo ponto de pauta foi chamado de “Alongamento”, no qual cada participante escreveu um texto em que pudesse relacionar a temática geral do encontro “Políticas da Escrita” com o tema de pesquisa desenvolvido ou em andamento. As imagens apresentadas como disparadoras de pensamento dialogaram com os textos desenvolvidos. Como eu me afeto? Por que e/ou por quem?

Após a escrita, os textos foram trocados e lidos por outros... Disparos/questionamentos: estrutura do discurso político; pontuação; escrever em primeira ou terceira pessoa; percepção do tempo e espaço presente; poesia; o “dentro” e o “fora” das palavras; quem me lê, como me lê? Como é ouvir meu texto lido por um /a colega?; inscrever-se no outro; olhares outros para os participantes de nossas pesquisas; uma carta...

Para além de uma sensibilização, a construção dos textos (re)velou – e ainda (re)vela, sempre e a cada vez que se lê – a implicação de cada participante em sua pesquisa e no grupo de estudos. Uma implicação que é sentida nos sentidos corporais, viscerais... Ao velar, suas pesquisas são observadas, (re)vistas, (re)elaboradas, (re)lidas, (re)escritas...



Figura 1: Momentos de experimentação... leituras... escritas... políticas... Arquivo pessoal.

Em seguida, o momento nomeado “aquecimento”. Aquecer, ação de tornar quente. Vibrar, ressoar, suar, trabalhar, poetizar. A dupla de pesquisadoras disponibilizou várias folhas com algumas ideias de Rancière impressas no centro do papel. Cada participante fez a sua escolha por uma palavra-chave, já citada anteriormente.

Após a escolha, a conceituação, na qual cada participante elaborou ideias sobre a sua palavra-chave, de modo a pensar em seus processos de pesquisa a partir da leitura prévia do primeiro capítulo do livro citado.



Figura 2: Glossário... palavras em estado de experimentação. Arquivo pessoal.

As palavras não seguem normas acadêmicas. Podem dançar pelas texturas das folhas de papel. A escrita, em seu conceito político, atravessa a comunidade do sensível, numa

constituição estética. Literatura em confronto, num jogo entre os poderes do escrito e a ordem ou a desordem social. Democracia? Doença da escrita?

Políticas que se inscrevem, por entre um espaço inventado de criação.

No terceiro momento do encontro, ao qual intitulou-se “Exercitando em conjunto” as conceituações inventadas são socializadas num momento de discussão. Nesse momento, um dos participantes, Rafael, lança ao grupo uma pergunta: “E qual é a política de escrita do nosso grupo?

A pergunta, no momento, é apenas lançada. Pergunta que passa. Atravessa a discussão. E fica, para as duas autoras desse texto, gravada. A pergunta que o encontro, por elas organizado, despertou.

O encontro segue para seus momentos finais, os quais foram intitulados “Partilhando” e “Para não relaxar...”, deixando combinado com o grupo que o material produzido seria revisitado no encontro de 26/11, para um aprofundamento das questões aqui iniciadas.

O que fica do encontro? Rancière talvez sintetize, com a ideia de que:

A literatura não existe nem como resultado de uma convenção nem como efetuação de um poder específico da linguagem. Ela existe na relação entre uma posição de enunciação indeterminada e certas fábulas que põem em jogo a natureza do ser falante e a relação da partilha dos discursos com a partilha dos corpos. (RANCIÈRE, 1995, p. 45).

Natureza do ser falante...

Partilha de discursos...

Partilha dos corpos...

Possibilidades? (Re)interpretações? (Re)invenções?

Outros modos para que cada um se relacione com a sua pesquisa?

Para o próximo encontro, é pensada uma possibilidade de continuidade. Como aprofundar as ideias despertadas pelas imagens e pela leitura de Rancière? E as políticas de escrita? São perguntas que continuam atravessando as mentes e os corpos das autoras desse texto.

Por que não pensar a linguagem não-verbal? A possibilidade de expressar-se sem utilizar-se das palavras? Ou de utilizá-las de forma artística?

Encontram-se, então, novamente, os participantes de Escriarte, dessa vez numa sala da Unesp em 26/11/2015. Todo o material do primeiro encontro foi digitalizado e enviado ao e-mail do grupo.

As folhas do glossário são espalhadas em uma mesa. Ideias postas, ex-postas. É feita a proposição: escolher uma das palavras-chave ali colocadas, com o objetivo-provação de continuar a elaboração do mesmo. Outros materiais foram disponibilizados para a continuidade da escritura proposta.

Os participantes escolhem seus materiais, seguem para seus lugares e, mais uma vez, o momento de criação é vivenciado. Alguns desenham, outros escrevem, outros dobram papéis, brincam com os materiais que têm em mãos, na tentativa de construir algo que não se explica, apenas se vivencia.

Experienciar a arte... processos inventivos... compor com os materiais de arte... O que se pode produzir?



Figura 3: Participantes em momentos de criação. Produções poéticas e artísticas. Arquivo pessoal.

Após a criação, as “escriartices” são apresentadas e lidas por colegas do grupo. Em círculo, a conversa é retomada. São apresentadas, em slides, fotos do encontro anterior e, ao final, a pergunta reaparece: “Qual a política de escrita do nosso grupo – ESCRIARTE?”

Dentre as ideias apresentadas na discussão, algumas vão se destacando:

Fazer diferente.

Fazer juntos – porém de modo singular.

Confiança construída entre os participantes.

Tensão de produzir algo que se é proposto.

Silêncio que acompanha os momentos de produção.

Desafio de produzir.

Diálogos e partilha.

Escritas... criações... diálogos... o que podemos pensar a partir da leitura de um texto? Para além do gênero – glossário –, a construção coletiva desta interpretação das políticas da escrita forneceu dados-texturas-resonâncias-olhares para os participantes no que se refere às possibilidades de um modo de fazer pesquisa que contemple a experimentação, a intuição e a criação.

Modo de fazer pesquisa que é coletivo, que é singular, que é político.

Escritas de si. Escritas do outro. Experimentação. Invenção.

Fazer pesquisa. Fazer literatura. Fazer arte.

Referências

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da escrita**. Tradução de Raquel Ramalhete. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.